

CONVENÇÃO NACIONAL

Partido coloca como bandeira política da legenda o desafio de impedir que o presidente Lula venha a disputar um terceiro mandato em 2010

Fotos: Celso Junior/AE



PARA FHC, SUCESSIVAS REELEIÇÕES LEMBRAM AS MAIS DURAS DITADURAS DA HUMANIDADE: "HITLER FOI ELEITO. MUSSOLINI FOI ELEITO. ATÉ STALIN ERA ELEITO."

PSDB unido contra o projeto da re-reeleição

GUSTAVO KRIEGER
E LEANDRO COLON
DA EQUIPE DO CORREIO

A Convenção Nacional do PSDB deixou clara qual é a nova bandeira política dos tucanos: impedir que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva dispute um terceiro mandato em 2010. O medo de uma mudança constitucional que permita a continuidade de Lula no poder foi o principal assunto no discurso dos líderes partidários (leia mais na página 6). O pronunciamento mais duro foi do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele acusou os petistas de tentarem subverter a democracia ao propor que o presidente da República tenha o poder de convocar plebiscitos. "A democracia não pode ser substituída pela mera consulta de quem está lá

em cima à massa popular", advertiu. "Democracia não é massa". Ele comparou a idéia de permitir sucessivas reeleições do presidente às mais duras ditaduras da história da humanidade. "Hitler foi eleito. Mussolini foi eleito. Até Stalin era eleito".

A preocupação com o terceiro mandato já envolve os tucanos há um bom tempo, mas ganhou força ontem, depois que deputados governistas tentaram uma manobra na Comissão de Constituição e Justiça. O deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), presidente da CCI, tentou inverter a pauta para permitir a votação de uma emenda constitucional que prevê o fim da reeleição e a ampliação para cinco anos dos mandatos do presidente da República, governadores e prefeitos. Embora a emenda fosse contra a reeleição, acendeu o alarme dos tucanos. Eles acham

que os governistas tentavam uma jogada. Se a emenda começasse a tramitar, seria criada uma comissão especial para discutir o assunto. Lá, o governo poderia tentar a reeleição ilimitada.

A possibilidade acendeu a veia bélica dos tucanos. O líder do partido na Câmara, Antônio Carlos Panunzio (SP), lembrou a revolucionária espanhola Dolores Ibarruri. Durante a greve civil espanhola, ela cunhou a frase "Não passarão", que tornou-se um lema dos republicanos. "Os que querem derrotar a democracia brasileira não passarão", disse. O líder no Senado, Arthur Virgílio (AM) também apelou para uma metáfora de guerra. "O terceiro mandato será o Waterloo do presidente Lula", afirmou numa referência à batalha em que o imperador francês Napoleão Bonaparte foi derrotado.

Ataques

A crítica ao governo Lula foi a marca dos discursos tucanos. Alguns militantes levavam faixas nas quais chamavam o presidente de "falastrão". Um grupo de cerca de 30 integrantes da juventude do partido chegou a promover duas pequenas manifestações. Uma em frente ao prédio onde ocorria a convenção e outra em seu plenário. Ataques ao governo eram garantia de aplauso. E ninguém foi mais aplaudido que Fernando Henrique.

"Não podemos ficar parados diante do que acontece no país", disse o ex-presidente. "Nós deixamos que a vulgaridade se transformasse em critério para tudo nesse país. Não é preciso ser vulgar para ser popular". Ele acusou o governo de corrupção e de apalpar a máquina pública.

Unidade dividida

Os discursos na convenção do PSDB não se cansaram de enfatizar a unidade no partido, mas não conseguiram disfarçar as divisões que ainda existem na cúpula tucana. Por mais que o partido negue, hoje se divide entre os adeptos dos três possíveis candidatos à presidência da República em 2010. Os governadores José Serra e Aécio Neves e o candidato derrotado na eleição passada, Geraldo Alckmin. Essa divisão apareceu em algumas provocações nos discursos mas ficou clara na disputa por cargos na nova executiva nacional.

O primeiro embate foi cerimonial. Serra atrasou o quanto pôde sua chegada à convenção, para chegar depois de Aécio. Não conseguiu. O governador mineiro foi o último a chegar, alegando problemas com o avião. Entrou na sala quando Serra estava no meio do discurs-



AÉCIO PARA SERRA: "ESTOU ME SENTINDO COMO O SERRA. CHEGUEI ATRASADO E ATRAPALHEI O ORADOR"

so. Quando chegou sua vez de falar, desculpou-se em tom provocativo. "Hoje é um dia muito especial para mim", disse. "Estou me sentindo como o Serra. Cheguei atrasado e atrapalhei o orador. Peço desculpas ao Serra".

Os tucanos provocaram-se com bom humor. Ao ver que Serra abraçava o governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda (DEM), Alckmin brincou: "a careca do Serra está igual à do Arruda". O governador de São Paulo devolveu a brincadeira

quando chegou sua vez de falar. "A careca do Geraldo Alckmin é mais brilhante".

A poucas horas de definir sua nova executiva, o PSDB ainda tinha dúvidas sobre os nomes. Aliados de Serra, Alckmin e Aécio disputam cada espaço no comando do partido. Sobrou para o deputado Gustavo Fruet (PSDB-PR), sem ligação com nenhum dos três. Convidado inicialmente para assumir a secretaria-geral, Fruet perdeu a vaga para o deputado Rodrigo

de Castro (MG), afilhado político de Aécio. Fruet então foi informado que ficaria com a primeira vice-presidência. Na última hora, teve que abrir mão para a senadora Marisa Serrano (MS). Em troca, avisaram-no que poderia disputar a liderança da bancada do partido na Câmara. Mas já está sabendo que aliados de Serra trabalham por um nome próximo do governador, e Alckmin mantém esperanças de emplacar alguém de seu grupo político. Fruet não escondeu a irritação. Em tom de brincadeira, revelou sua insatisfação. "Acabaram-se os tapetes para serem puxados", disse.

Outro palco de disputa no PSDB foi o Instituto Teotônio Vilela, entidade responsável pela formação política do partido e que conta com grande verba financeira. Aliado de Alckmin, o deputado Paulo Renato Souza (SP) postulou a vaga. Perdeu para o deputado Luiz Paulo Veloso Lucas (ES), da tropa de choque de Serra. Paulo Renato se rebelou e chegou a dizer que não queria mais nenhum cargo no partido. Mas deve ser convencido a assumir uma secretaria. Até ontem à noite, a mais cotada era a de Relações Internacionais. (GK e LC)



e-mail alon.feuerwerker@correioweb.com.br



Os tucanos e a paz dos cemitérios

O PSDB decidiu concentrar esforços na proposta de voto distrital, em vez de malhar no ferro frio de uma reforma política abrangente. É uma decisão sensata. Para sair do rame-rame, é preciso concretizar. Na tradição brasileira, a reforma política genérica habita o universo das abstrações. Quando desce ao chão, ao terreno das coisas práticas e inteligíveis, produz mais dissenso que consenso. É a mesma situação da reforma tributária genérica. Todos desejam uma reforma tributária, mas cada um tem uma idéia diferente do que deveria mudar nos impostos. E nada de reforma tributária.

Quando o PSDB concretiza a reforma política na idéia de adotar o voto distrital, colabora, portanto, para escoimar a discussão de boa parte da conversa fiada nela embutida. Mas o PSDB deve avançar, deve especificar melhor que tipo de distrital propõe ao país. Aliás, é bom lembrar que, de algum modo, o voto no Brasil já é distrital. Não há uma votação propriamente nacional para eleger o parlamento federal. Os deputados federais e senadores já são eleitos apenas por eleitores de seus estados.

É preciso saber se, quando fala em voto distrital, o PSDB pensa em corrigir as distorções na representação dos estados cultivadas ao longo de décadas. É necessário esclarecer se o partido propõe que o cálculo dos distritos seja nacional. É um detalhe importante. Vamos supor, em números redondos, que a Câmara dos Deputados venha a ter 500 membros, para representar cerca de 100 milhões de eleitores. Cada distrito teria, portanto, cerca de 200 mil votantes. Se o distrital fosse misto, com, digamos, 100 cadeiras preenchidas em lista nacional, o número de eleitores por distrito iria para cerca de 250 mil, um número bem razoável.

Qual é o problema, então? É que se o distrito tiver o mesmo tamanho médio em todos os estados a adoção do distrital acabará corrigindo certas distorções. O Acre, por exemplo, teria dois deputados, em vez dos atuais oito. Roraima cairia de oito para um. Já São Paulo ganharia pelo menos 40 representantes para além dos atuais setenta. O distrito nacionalmente homogêneo implantaria no Brasil, finalmente, o princípio que foi lema da luta contra o apartheid na África do Sul: um homem, um voto. Mas desencadearia, em contrapartida, um festival de insatisfações políticas regionais.

O resultado poderia ser uma crise política que, no limite, colocaria em risco a própria Federação. Imagina-se que os tucanos não desejem esse cenário crítico. Supõe-se, então, que, ao falar em voto distrital, o PSDB esteja simplesmente pensando em subdividir os estados em distritos, mantendo a atual desproporção das representações estaduais. Seria uma solução meia-boca, bem ao estilo das mexidas tradicionais nas nossas regras político-eleitorais, marcadas por casuísmos e remendos. Seria também, exatamente por esse detalhe, uma solução viável.

O voto distrital, ainda que misto, será útil para que os governos formem maiorias parlamentares mesmo sem obter a maioria absoluta dos votos nas eleições para o parlamento. Num exercício hipotético, um deputado poderia eleger-se no distrito com 25% ou 30% dos votos, se a escolha se desse em turno único e se houvesse múltiplas candidaturas (coisa provável num sistema partidário pulverizado). Assim, com menos de um terço dos votos nacionais, desde que bem distribuídos territorialmente, uma legenda poderia fazer mais da metade dos deputados federais.

Um sistema alternativo seria o distrital em dois turnos, como acontece na França. Isso obriga o eleito a buscar maior representatividade dentro do distrito. Nas últimas eleições francesas, por exemplo, o primeiro turno das eleições parlamentares fazia prever uma maioria esmagadora para o partido do presidente eleito, Nicolás Sarkozy, da direita. Mas no segundo turno a esquerda se uniu nos distritos e o resultado final foi um parlamento de maioria direitista, mas não acachapante.

É bom esse debate do voto distrital. Bom particularmente para quem está no poder. Ou para quem deseja alcançá-lo e governar com a paz dos cemitérios no parlamento. O que parece ser o cálculo do PSDB.

VESTIBULAR 2008
 Vestibular Unificado Real / Imesh
 Direito, Administração, Letras, Pedagogia e Sistemas de Informação
 Mais informações: Tel.: (61) 3272-1130
 www.fortium.com.br/vestibular
 Inscrições até 23/11
 Prova: 25/11 às 14h30
FORTIUM
 GRUPO EDUCACIONAL